

ASTENIA CUTÂNEA - RELATO DE CASO EM LUANDA, ANGOLA

V Congresso Angolano de Medicina Veterinária / II JOINACOM, 5ª edição, de 19/10/2022 a 21/10/2022
ISBN dos Anais: 978-65-81152-99-4

CASTRO; Evander Mbule Ventura de¹

RESUMO

ASTENIA CUTÂNEA EM CÃO - RELATO DE CASO EM LUANDA, ANGOLA

Evander Mbule de Castro, Clínica Veterinária Casa dos Animais

INTRODUÇÃO

Astenia cutânea, dermatosparaxia, síndrome da fragilidade cutânea ou também denominada síndrome de Ehlers-Danlos em humanos, é um grupo de distúrbios hereditários em que alterações na síntese de colagénio ou na formação de fibras resultam em perda da elasticidade e fragilidade da pele. O tecido conjuntivo é composto por fibras de colagénio, fibras reticulares, fibras elásticas e matriz extracelular. O colagénio é o principal componente da matriz extracelular, desempenhando funções estruturais e de manutenção da integridade tecidual, proporcionando aos tecidos força de tensão, flexibilidade e extensibilidade.

O mecanismo de transmissão da doença ainda não está bem elucidado, mas relatam-se deficiências na enzima procologénio-N-peptidase. A astenia cutânea possui herança autossómica dominante na maioria dos casos, sendo a probabilidade de transmissão de 50%.

Os sinais cutâneos caracterizam-se por distensão cutânea exagerada, pele fina e frágil que se rompe facilmente por traumas mínimos. A pele adere-se frouxamente aos tecidos adjacentes, podendo ser esticada a comprimentos extremos e formar dobras, especialmente nos membros, cotovelos e região ventral do pescoço, principalmente em cães.

O diagnóstico ocorre através do histórico clínico, anamnese associada ao exame físico e pelo índice de extensibilidade cutânea, onde o resultado é obtido através da divisão do valor da altura vertical de prega a nível dorso lombar pelo comprimento corpóreo, desde a crista occipital até a base da cauda do animal. O valor resultante, convertido em percentagem, se superior a 14,5% é indicativo de astenia cutânea em cães.

ANAMNESE E EXAME CLÍNICO

Foi atendido um cão, fêmea esterilizada, de 3 anos de idade, com 14KG de peso vivo, sem raça definida, cuja queixa principal era aumento de volume na região cervical dorsal, depois da cadela ter ficado presa à torneira com a coleira. A proprietária relatou que a cadela estava bem-disposta, com apetite normal, sem sinais de dores.

Ao exame físico o animal apresentava estado geral bom, sem desidratação, mucosas normocoradas, com reação postural e marcha normais e reação de dor à palpação na zona que apresentava o aumento de tamanho. Com a autorização da proprietária, foi realizado um hemograma e exame bioquímico ao sangue, exames estes que não revelaram nenhuma alteração nos seus parâmetros. Elaborou-se protocolo terapêutico com anti-inflamatório não esteroide (AINEs) e o animal foi liberado.

O animal regressou depois de uma semana e a proprietária referiu que não houve melhorias com o tratamento, sendo que apareceram outros sinais. Desta vez foi verificado aumento da elasticidade da pele, principalmente em região da face, pescoço, dorso, ventre, região axilar e na cauda, porém a pele estava íntegra e sem cicatrizes. Os parâmetros vitais encontravam-se dentro do normal, nenhuma alteração articular foi encontrada. Devido ao histórico, aumento de elasticidade da pele e não resposta ao tratamento com AINEs, suspeitou-se de Astenia Cutânea.

¹ Casa dos Animais, evanderdecastro37@gmail.com

DIAGNÓSTICO

Foi avaliado o Índice de Extensibilidade Cutânea cujo resultado obtido foi de 20%, reforçando o diagnóstico presuntivo de astenia cutânea.

O diagnóstico clínico foi obtido através do histórico clínico, anamnese, exame físico e pelo Índice de Extensibilidade Cutânea (20%), enquadrando-se dentro dos valores estabelecidos para o diagnóstico da astenia cutânea. Embora esteja descrito um exame histopatológico, a proprietária preferiu não avançar com o mesmo, por não querer submeter a cadela à uma biópsia e por falta de condições financeiras para o envio de amostras para um laboratório externo, além deste ser pouco elucidativo.

TRATAMENTO

Por se tratar de uma enfermidade genética, não há tratamento específico para a astenia cutânea. A proprietária foi alertada sobre a hereditariedade e curso crônico da doença que torna o seu prognóstico desfavorável. Foi igualmente informada acerca das medidas de manejo, como alterações ambientais, com locais acolchoados e sem quinas ou objectos que possam provocar lesões à cadela, evitar acesso do animal à rua sozinho, assim como controle periódico de ectoparasitas, o que é fundamental na prevenção de prurido, e são medidas importantes para prevenir traumas à pele, e assim dar qualidade e vida longa aos portadores dessa síndrome.

CONCLUSÃO

A astenia cutânea é considerada uma dermatopatia rara em animais, se tornando importante o relato, visando colaborar para a elucidação desta. O seu diagnóstico muitas vezes ocorre através da avaliação clínica. Por não existir tratamento específico, o seu prognóstico é desfavorável, mas o manejo ambiental é de suma importância para prevenir complicações no quadro e manter a qualidade de vida dos animais acometidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, S.F.; Tostes, R.A.; Sanches, O.; Melchert, A.; Nogueira, R.M.B.; Valente, S.F. (2008). Astenia cutânea em gato: relato de caso. *Revista Ciência Animal Brasileira*, Goiás, Brasil. p.524-528.
- Barrera, R.; Mane, C.; Duran, E.; Vives, M.A.; Zaragoza, C. (2004). Ehlers-Danlos syndrome in a dog. *Canadian Veterinary Journal*; 45: 355-6.
- Glauer, F.; Wilmering, G.; Huisinga, E.; Wolm, M., Lorke, D. E. (1999). Cutaneous asthenia (Ehlers-Danlos syndrome) in a domestic rabbit. *Deutch Tierarztl Wochenschr*, v. 106, n. 12, p. 500- 505.
- Grady, J.G.; Elder, S.H.; Ryan, P.L.; Swiderski, C.E.; Rashimir-Raven, A.M. (2009). Biomechanical and molecular characteristics of hereditary equine regional dermal asthenia in Quarter Horses. *Veterinary Dermatology*; (20):591-9.
- Medleau, L.M.; Hnilica, K.A. (2003). *Dermatologia de Pequenos Animais: atlas colorido e guia terapêutico*. 1ª ed. São Paulo: Roca.
- Scott, D. V. (1974). Cutaneous asthenia in a cat, resembling Ehlers-Danlos syndrome in man. *Veterinary Medicine of Small Animal Clinic*, v. 69, n.10, p. 1256-1258.
- Sinke, J. D.; Van Dijk, J. E.; Willemse, T. (1997). A case of Ehlers-Danlos syndrome in a rabbit with a review of the disease in other species. *Veterinary Quarterly*, v.19, p.182-185.

PALAVRAS-CHAVE: Astenia, Cães

